



## EDITORIAL

---

### JUVENTUDES E EVANGELIZAÇÃO

*Juventudes, assim, no plural? Sim, porque são muitas. Muitas, pela rapidez das mudanças, pois as crianças de hoje já não nascem no mesmo mundo das de cinco anos atrás. Muitas, por causa das diferenças de proveniência, de situação sociocultural e existencial: jovens de favela, de classe média baixa, de classe média alta, jovens de tendência intelectual e jovens que dispensam o pensar... Muitas, por causa da tipologia diversificada: geração Y, geração transracional, geração do caos, geração positiva, geração plugada, geração wifi, geração líquida... e muito mais. Juventudes pós-modernas vivendo ao lado de pré-modernas...*

*Ao tentar descrever essas juventudes, na indescritível diversidade, convém ser objetivo. Facilmente se cai no pessimismo, achando que tudo (= os valores tradicionais) está perdido. Também não convém entregar-se a otimismo ingênuo, às vezes inspirado por certo paternalismo, isentando os jovens de qualquer responsabilidade (ser bonzinho faz mal aos jovens).*

*Certas observações soam, digamos, neutras. Estamos diante de realidade diferente. Exemplo disso é o uso da informática. Constatamos certo deslocamento do presencial para o virtual. Isso pode ser negativo quanto ao ambiente concreto e imediato, mas abre amplas possibilidades: intercâmbio com pessoas do outro lado do mundo. E se os jornais de vez em quando publicam algum fato desastroso provocado por isso (até suicídios românticos), não se pode negar também que há pessoas que foram tiradas da depressão por mensagem de longe.*

*Coisa semelhante diga-se do gosto que os jovens têm por eventos de massa. Aliás, nada de novidade. Pense nos Congressos Eucarísticos! Os eventos não produzem de per si continuidade e aprofundamento, mas não é raro encontrar grupos permanentes nascidos de algum evento.*

*Dito isso, constatamos que essas juventudes, de modo geral, demonstram mais espontaneidade, liberdade e franqueza que as de meio século atrás.*

Isso facilita a comunicação e a criatividade, o que é um trunfo num tempo em que tudo muda com estonteante rapidez. Talvez até sejam mais autênticos e transparentes que as gerações anteriores, embora isso seja relativo, pois para o olhar penetrante dos grandes educadores do passado os jovens acanhados daquele tempo se mostravam super transparentes...

Os jovens, hoje, demonstram mais liberdade, as decisões são mais pessoais (até causar admiração, em diversos sentidos). Positivo é que existe maior confiança no corpo, na afetividade. Positivo é que os homoafetivos já não se sintam anormais. Muita repressão e rejeição, às vezes com consequências mortais, está sendo evitada. Positivo é, também, o fato de ter amplo acesso à informação. Engodo político se torna mais difícil, a internet denuncia. Embora, por outro lado, isso cause efeito desanimador, pois se vê tanta coisa e não se vê o que se pode fazer...

Evidentemente, nem tudo é tão globalmente louvável no estilo jovem de nossos dias. Em primeiro lugar, os próprios efeitos da globalização. As ofertas e tentações de consumo são tantas que se torna difícil fazer opções a médio ou longo prazo. Pior ainda quando certos itens de consumo se tornam um must. Depois das aulas na escola é preciso levar os filhos à academia, à piscina, à escola de balé, a uma festinha que termina às quatro da madrugada... e os filhos, bem curados, encontram, rapidinho, os pais em casa... estressados.

Pesa sobre essas juventudes, de modos diversos, o fardo da violência. Inclusive, na própria família. E de modo generalizado, nos bairros populares, pela atuação de gangues e do crime organizado. Mas a maior violência talvez seja a má qualidade da educação.

Há quem fale em geração sem educação. Talvez porque os jovens não demonstrem muita educação no trato. Basta ver o que acontece com os lugares reservados a idosos e portadores de deficiência nos ônibus e no metrô... Mas também em outro sentido são carentes de educação: o sistema de ensino se esvaziou de valores humanos.

A base da educação é a família. Ora, ninguém tem ilusões quanto ao estado geral da família. Em escolas públicas encontram-se turmas em que nenhuma criança vem de uma família constituída do modo tradicional. "O papai da semana passada era mais carinhoso que o desta semana"... E nas escolas católicas o panorama evolui na mesma direção.

A educação em casa, certamente, não carece de problemas. Na classe baixa (termo classista, mas é assim que se fala, ou, pelo menos, se pensa mesmo quando não se fala...), constatam-se amplamente a falta de condições materiais, a tradição do 'deixar correr' e, tragicamente, a intromissão de criminosos. Também na classe média e média alta (que a si mesma se chama de superior) a educação familiar está comprometida pelo excesso de condições

materiais, pela arrogância no âmbito pedagógico (pergunte aos diretores de escola como sofrem com as mães dos alunos...) e, também, pelas drogas e pela crescente intromissão de criminosos da própria classe... E, em todos os níveis, constata-se a ausência do pai ou, crescentemente, de pai e mãe (que trabalham fora), a educação infantil sendo entregue à babá (que se torna sempre mais “impagável”) ou à creche.

Se é muito difícil interferir diretamente na família, a escola poderia ser um lugar, senão de embasamento, pelo menos de correção de rota...? O ensino qualifica (uma parte dos) alunos para a vida “produtiva” mais do que os forma integralmente. A formação humana integral parece uma ideia alheia aos olhos dos profissionais do ensino.

A juventude de hoje paga pesado tributo ao que aconteceu com a juventude de 50 anos atrás: viveu-se o “é proibido proibir” de maio de 1968. Perdeu-se o senso de paternidade/maternidade. A transmissão de valores e ideais naufragou. O utopismo ingênuo produziu os sem utopia. Os jovens de cinquenta anos atrás são agora os avôs e avós que tentam educar os filhos de seus filhos e filhas, os quais, provavelmente, já não “estão” com o primeiro parceiro ou parceira, nem têm como cuidar de suas criaturas...

O simplório otimismo dos anos da flower power e da revolução mundial talvez tenha subestimado o fato de o ser humano precisar de ajustes. A inocência sem limites e a justiça inata da coletividade não se verificam. Sem cair num pessimismo fundamental quanto ao ser humano, podemos contudo aprender, do mito de Adão e Eva, que o ser humano deve respeitar o limite que lhe é proposto pelo próprio Criador. Para muitos mestres judeus, esse mito prefigura o dom divino da Torá, da “instrução” ou “ensinamento” (não simplesmente “lei”). Na compreensão cristã, este ensinamento se encarnou, entre nós, em Jesus de Nazaré, palavra de Deus. Por toda a sua práxis ele redimiu, assim, o pecado de Eva e Adão. Nele se configura o Homem Novo, o “Adão passado a limpo”, para parafrasear Santo Irineu.

Aí se situa o desafio da evangelização das juventudes, hoje. Os jovens são chamados a tornar-se Homem Novo em Cristo.

Que significa isso para a vida eclesial? Os seminaristas já não vão aos encontros em ônibus fretado, mas em van... Os grupos de jovens mínguam. As vocações religiosas rareiam e se vão facilmente, e os votos parecem “definitivos enquanto duram”. O tipo de organização pastoral que surgiu no período pós-conciliar já não corresponde. Tampouco o que predomina hoje, quando os movimentos pentecostais dão o tom, explorando unilateralmente o aspecto mais afetivo da fé e os conteúdos dogmático-morais de fórmulas cristalizadas. Onde se esperava nova evangelização, repete-se com tecnologia avançada a que envelheceu!

Como pensar o anúncio da fé nessa nova situação? A essa juventude que gosta de eventos dirigem-se as grandes assembleias e jornadas, instituídas

por João Paulo II. Neste ano teremos, no Brasil, a Jornada Mundial da Juventude. Reunirá muitos jovens, abrirá o coração de alguns a uma perspectiva nova para sua vida, produzirá amizades enriquecedoras, verdadeiras conversões até. Mas não podemos esquecer a palavra de G. K. Chesterton: “Não tanto fazer coisas fora do comum, mas fazer as coisas comuns de modo fora do comum”. Descobrir, ou redescobrir, o evangelho para o dia a dia.

A evangelização é sempre nova, por definição, pois é boa-nova. Ela é como o mandamento de Deus segundo a Primeira Carta de João: antiga, mas nova n’Ele e em nós (cf. 1Jo 2,7-8). O desafio das juventudes consiste precisamente em fazer com que a evangelização seja sempre nova, como a juventude é sempre nova.

Como “engendrar o homem novo” nessas juventudes? Certamente não apegando-nos a coisas velhas que não constituem o núcleo da fé. Deixar o Espírito “renovar a face da terra”, para que os jovens não se sintam estranhos diante do rosto de Deus que se torna visível em Jesus, cuja palavra, memória e prática foram confiadas à Igreja.

Recordar e reviver de modo novo a manhã radiosa que despontou no Concílio Vaticano II certamente nos ajudará, e a simplicidade e autenticidade sugeridas pelo novo bispo de Roma são certamente um sinal na boa direção. Mas, diante de um cenário de fugacidade, é mister suscitar perspectivas e atitudes que valham para a vida inteira, aproveitar o poder de convocação de nossas comunidades para fazer com que os jovens sejam realmente iniciados, não via perguntas e respostas pré-fabricadas, mas por imersão na vida e na prática da fé. E assumir que os tempos mudaram, que o modo de pensar mudou, que estamos entrando num novo momento civilizacional, numa mudança, ou até mutação, inclusive na relação entre o ser humano e a natureza.

E, como “a graça supõe e eleva a natureza”, apresenta-se como prioridade o empenho na educação e formação humana fundamental dessas juventudes. A geração que recebeu os benefícios de um humanismo cristão social e culturalmente aberto não pode sair do campo sem transmitir a chave desse tesouro às mãos daqueles que estão chegando.